

**A ALFABETIZAÇÃO E O USO DAS ONOMATOPEIAS COMO FACILITADOR DA CONSCIÊNCIA FONÊMICA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA EM TEJUÇUOCA-CE***Vera Lucia Duarte Sousa¹***RESUMO**

A alfabetização é um dos pilares fundamentais para o desenvolvimento cognitivo, social e econômico de um indivíduo, influenciando diretamente sua capacidade de aprendizado ao longo da vida. Apesar dos avanços educacionais, muitos estudantes ainda enfrentam dificuldades no processo de alfabetização, o que evidencia a necessidade de métodos de ensino eficazes e embasados cientificamente. Este trabalho justifica-se pelo fato da ausência de estudos que venham alavancar a educação de nosso país, e um dos meios comprovados pela neurociência é usar a educação baseada em evidências como forte aliada da alfabetização, o uso de práticas comprovadas pela ciência só vem a fortalecer a equidade nas escolas. A metodologia utilizada foi recorte teórico por meio de pesquisas bibliográficas; pesquisa de campo por meio de entrevista com professores da instituição e estudos de caso em observações em sala de aula. Para desenvolver o processo de alfabetização baseado em evidências é necessário seguir um roteiro de ensino da consciência fonológica e, para facilitar e ter um ensino dos sons das letras explícito, foi usado o método das onomatopeias como fonte de pesquisa. Os resultados observados evidenciaram que um ensino baseado em evidências de forma explícita e sistemática facilita o processo de alfabetização mais rapidamente. Conclui-se, portanto, que esse recurso tem o intuito de ensinar o som das letras de maneira lúdica e divertida, que serve para facilitar aos discentes a compreensão dos sons das letras para assim desenvolver a leitura de forma mais rápida e eficaz, facilitando a sua aprendizagem.

Palavras-chave: Alfabetização, Evidências, Científicas, Método, Onomatopeias

¹Mestrado em Ciências da Educação pela UNADES-PY**1 INTRODUÇÃO**

A alfabetização representa um dos pilares fundamentais para o desenvolvimento cognitivo, social e educacional das crianças. Contudo, muitas vezes,

o processo de aquisição da leitura e escrita encontra-se permeado por dificuldades que impactam negativamente o desempenho escolar e o desenvolvimento integral dos estudantes. Nesse contexto, a Alfabetização Baseada em Evidências (ABE) surge como uma abordagem que utiliza pesquisas científicas rigorosas para orientar práticas pedagógicas efetivas, contribuindo para a superação desses obstáculos.

O uso do Método das Onomatopeias, por sua vez, configura-se como uma estratégia inovadora que facilita o desenvolvimento da consciência fonêmica — habilidade essencial para o reconhecimento dos sons da fala e sua relação com a escrita. Por meio da associação de sons onomatopaicos a fonemas, o método promove a aprendizagem lúdica, significativa e contextualizada, auxiliando o aluno na decodificação e na construção do sistema alfabético. Dessa forma, esta pesquisa justifica-se pela necessidade de investigar e validar metodologias que possam potencializar a alfabetização, especialmente em contextos educacionais desafiadores, ampliando o repertório de recursos didáticos baseados em evidências e contribuindo para a redução das taxas de atraso e insucesso escolar no processo de leitura e escrita.

O tema proposto no presente trabalho teve sua gênese a partir das seguintes indagações: Quais os tipos de potenciais das evidências científicas para a alfabetização? O que dizem a Política Nacional de Alfabetização (PNA) e o Relatório Nacional de Alfabetização Baseada em Evidências (RENABE)? Qual a importância do método das onomatopeias para ensinar o som das letras para o processo de alfabetização?

A partir dessa premissa, foi desenhado um estudo investigativo a partir da experiência como coordenadora pedagógica ao observar as crianças e professores da Escola Centro Municipal de Educação Integral de Alfabetização e Letramento Maria Miranda Gomes, no município de Tejuçuoca-CE, onde funcionam as turmas de 1º ao 3º ano do ensino fundamental, atendendo a um público de 6 a 8 anos de idade. Nesse sentido demarca-se a necessidade e o entusiasmo de buscar algo que fizesse tanto o trabalho dos professores quanto o ensino de alfabetização dos discentes.

Ao acompanhar professores em seus planejamentos e nos diálogos do dia a dia, docentes relatavam sobre a dificuldade de alfabetizar crianças que não se concentram e claramente não conseguem ser alfabetizadas do jeito que o professor almeja ou planeja. Dessa forma veio a inquietação em buscar algo; comecei a estudar ler e procurar algo que ajudasse a esses docentes. Este trabalho justifica-se pelo fato da ausência de estudos que venham alavancar a educação de nosso país, e um dos meios já comprovados pela neurociência é usar a educação baseada em evidências como forte aliada da alfabetização; o uso de práticas comprovadas pela ciência só vem a fortalecer a equidade nas escolas. Assim como acontece em outras áreas do conhecimento, como a da Medicina, por que não na área educacional nos apoiarmos em pesquisas comprovadas cientificamente para assim tomarmos decisões mais assertivas quanto ao ensino e alcançarmos o mesmo patamar que outros países desenvolvidos? Para que isso aconteça, é necessário levar a sério a educação baseada em evidências para dentro da sala de aula de forma explícita.

Para desenvolver a presente pesquisa, os seguintes autores e seus trabalhos científicos consistiram como base teórica: Renan Sergiane (Alfabetização Baseada em Evidências, da Ciências à Sala de Aula), Luciana Britis (Alfabetização: por onde começar, um programa neurocientífico eficiente para ensinar a ler de verdade), Sandra Puliezi e Solange F. A. Di Agustini (Consciência Fonológica e Alfabetização: avaliação, planejamento e intervenção) Fluência de leitura oral de Sandra Puliezi. Ainda como fontes de pesquisas, a Secretaria de Alfabetização (Sealf), a I Conferência Nacional de Alfabetização Baseada em Evidências (Conabe), A Política Nacional de Alfabetização (PNA) e o Relatório Nacional de Alfabetização Baseada em Evidências (Renabe), documentos como PPP da instituição. Estarei desenvolvendo ainda entrevistas e formações para os professores da Escola Centro Municipal de Educação Integral de Alfabetização e Letramento Maria Miranda Gomes, levando recursos e orientando como desenvolver em sala de aula a consciência fonológica e o método das onomatopeias como facilitador da consciência fonêmica.

No movimento do estudo relativa ao tema selecionado para a pesquisa acadêmica, verifiquei que muitos países, como Portugal, França, Chile, Estados Unidos, Austrália e Reino Unido obtiveram êxito, mudaram as práticas curriculares e as políticas de alfabetização, buscando caminhos mais eficientes embasados em evidências para ensinar a ler e escrever com igualdade e equidade. Países esses que se destacam usando métodos comprovados que realmente funcionam para uma alfabetização mais eficaz. A alfabetização baseada em evidências surge como um caminho de ascendência para garantir que as práticas pedagógicas adotadas nas escolas sejam sustentadas por pesquisas robustas sobre o funcionamento da aprendizagem da leitura e da escrita. Estudos na área das neurociências, psicologia cognitiva e educação apontam que a alfabetização eficaz deve considerar princípios como a consciência fonológica, a instrução sistemática e o ensino explícito, entre outros fatores que contribuem para o sucesso do aprendizado.

Analisar a alfabetização baseada em evidências e o uso do método das onomatopeias como facilitador da consciência fonêmica no processo de aprendizagem da leitura e escrita na Escola Centro Municipal de Educação Integral de Alfabetização e Letramento Maria Miranda Gomes nas turmas de 1º ano do ensino fundamental consistiu no objetivo cerne do presente trabalho acadêmico. Como objetivos específicos, compreender estudos que demonstram a eficácia da alfabetização baseada em evidências; analisar a importância dos métodos comprovados cientificamente para a eficácia do processo de alfabetização; perceber a importância da consciência fonológica para aquisição inicial da leitura; analisar a importância dos sons das letras, associando ao uso das onomatopeias para desenvolver a fonêmica com mais eficácia.

Por fim, pretende-se que o presente estudo possa vir a servir como significativa contribuição para pesquisadores que explorem outras estratégias fundamentadas em evidências, fortalecendo a busca por uma alfabetização mais eficaz, inclusiva e alinhada às necessidades reais dos alunos.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O Processo da Consciência Fonológica

Afirma Brites (2023):

Os primeiros trabalhos a respeito dessa habilidade fundamental para a alfabetização da qual tanto se fala hoje em dia são das décadas de 1970. A consciência fonológica (também citada nos estudos pela sigla de CF) compreende dois níveis: a consciência de que a língua falada pode ser segmentada em unidades distintas – a frase pode ser segmentada em palavras; as palavras em sílabas e as sílabas em fonemas; e a consciência de que essas mesmas unidades se repetem em diferentes palavras faladas. De maneira simples, consiste em “tomar ciência” de que a fala pode ser fragmentada em unidades (fonemas) que, por sua vez, pode ser rearranjadas para formar palavras. Porque não basta apenas mostrar letras e formas, antes disso é preciso fazer com que as crianças tenham contato com seus respectivos sons. (Brites, 2023, p.95)

Para realizar o processo de alfabetização e introduzir a consciência fonêmica usando o método das onomatopeias, é necessário seguir os passos de um ensino explícito e sistemático. Isso se dá apresentando por meio de figuras como funciona o processo de consciência fonológica que é a capacidade de ouvir e manipular os sons que compõem a fala. Entende-se que a linguagem falada pode ser segmentada de várias maneiras: a segmentação de frases em palavras, de palavras em sílabas, de sílabas em fonemas. Dessa forma, para compreender a consciência fonêmica e usar as onomatopeias como facilitador para ensinar o som das letras:

FIGURA 1. Exemplo de uso das onomatopeias como facilitador



Fonte: @multiplicadoresonomatopeias(2024).

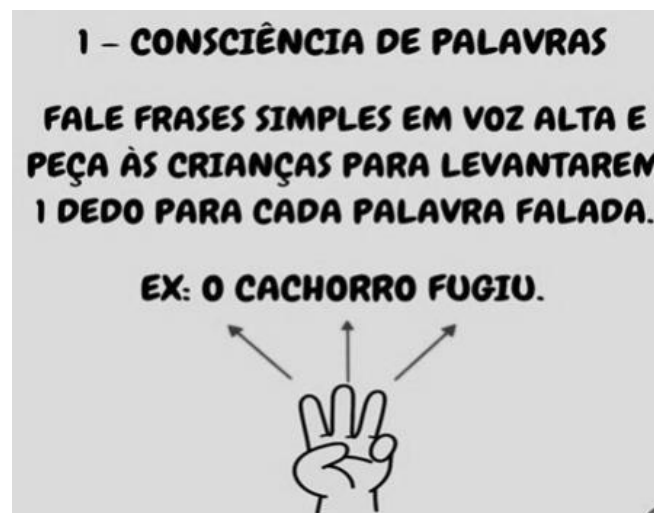
Exemplifica Puliezi e Agustini (2024):

O Guarda-chuva da consciência fonológica, portanto, oferece uma abordagem abrangente para se compreender e trabalhar com os elementos fundamentais do sistema fonológico da língua oral. Ao detalhar cada componente individualmente, esperamos ter proporcionado uma compreensão mais clara da consciência fonológica, pois cada “vereta” desse guarda-chuva contribui para a formação de futuros leitores habilidosos e comunicadores eficazes (Puliezi ; Agustini, 2024, p. 41).

Observa-se que se tem o guarda-chuva como uma metáfora visual detalhada, esquematizada de forma que se possa exemplificar cada habilidade dividida, para compreender que o guarda-chuva é como se fosse um suporte que segura todas as habilidades dentro das varetas, dessa forma demonstrando como funciona o processo da consciência fonológica, uma estrutura abrangente que cobre várias micro habilidades relacionadas ao processamento e manipulação dos sons da fala. Dessa forma, fica um entendimento explícito de como funciona todo o processo da consciência fonológica no sistema de ensino e aprendizagem.

2.1.1. Consciência de palavras

FIGURA 2. Consciência de palavras



Fonte: @pro.diegorodrigues

De acordo com Morais (2012):

“A consciência de palavras refere-se à capacidade da criança de perceber que as frases são compostas por unidades menores, chamadas palavras, e que essas podem ser segmentadas, manipuladas e reconhecidas no fluxo da fala” (Morais, 2012, p. 45).

A consciência de palavras é uma habilidade fundamental dentro da consciência fonológica, pois possibilita que o aluno compreenda a estrutura da linguagem oral e estabeleça relações com a linguagem escrita. Quando a criança desenvolve essa percepção, torna-se capaz de identificar os limites entre as palavras em uma frase, compreender que elas não são apenas sons contínuos, mas unidades que carregam

significados próprios. Esse avanço é essencial para o processo de alfabetização, uma vez que favorece o reconhecimento da palavra escrita como unidade de leitura e escrita, contribuindo para o desenvolvimento da leitura fluente e da produção textual.

2.1.2 A consciência de sílaba

FIGURA 3. Consciência de sílabas



Fonte: @pro.diegorodrigues.

Afirma Puliezi e Agustini (2024):

Na consciência silábica (ou consciência de sílabas), os estudantes de desenvolvem a capacidade de segmentar palavras em sílabas. Nesse nível, eles podem contar o número de sílabas em uma palavra, dividir palavras em partes, contar sílabas, inverter sílabas, adicionar e retirar sílabas (Puliezi e Agustini, 2024, p.31).

Representa um estágio intermediário no desenvolvimento da consciência fonológica. Ela possibilita que a criança reconheça que as palavras são compostas por partes menores — as sílabas — e que essas podem ser manipuladas, tanto por meio da segmentação (separação da palavra em sílabas) quanto pela síntese (união de sílabas para formar palavras). Esse processo, como destacam Puliezi e Sargiani (2012), constitui uma habilidade essencial para a alfabetização, pois favorece a compreensão da estrutura sonora da linguagem e auxilia na correspondência entre fala e escrita. Dessa forma, ao dominar a consciência silábica, o aluno desenvolve maior autonomia na leitura e escrita, construindo uma base sólida para avançar na consciência fonêmica e alcançar a fluência leitora.

2.1.3. Consciência de aliteração

Para Puliezi e Agustini (2024):

Quando as crianças conseguem identificar sons semelhantes no início das palavras, elas estão mais aptas a entender a correspondência entre sons e letras, facilitando a decodificação durante a leitura e escrita.

(Puliezi; Agustini, 2024, p.34)

A consciência de aliteração representa uma fase inicial e fundamental no desenvolvimento da consciência fonológica. Conforme definido, “a consciência de aliteração é a habilidade de perceber palavras que começam com o mesmo som” (Alfabetização e Evidências, s.d.). Ao trabalhar essa habilidade por meio de atividades lúdicas — como músicas, parlendas, trava-línguas —, as crianças começam a notar padrões sonoros semelhantes no início das palavras, o que prepara o terreno para a correspondência entre sons e letras. Dessa forma, a aliteração não só facilita o reconhecimento das unidades sonoras, mas também contribui para o avanço da fluência leitora e da precisão na escrita, sendo, portanto, um ponto de partida essencial na alfabetização.

FIGURA 4. Consciência de aliteração

3 – CONSCIÊNCIA DE ALITERAÇÃO
MOSTRE 3 IMAGENS, SENDO 2 COM O MESMO SOM INICIAL



EXPLIQUE QUE DESSAS 3 PALAVRAS, 2 COMEÇAM COM O MESMO SOM E 1 É INTRUSA.
PEÇA QUE A CRIANÇA DIGA AS PALAVRAS EM VOZ ALTA E DESTAQUE O SOM INICIAL PARA IDENTIFICAR QUAL IMAGEM NÃO COMEÇA COM O MESMO SOM.
PEÇA PARA QUE ELA CITE O SOM INICIAL DA PALAVRA INTRUSA E DAS DUAS PALAVRAS QUE COMEÇAM IGUAIS

Fonte: @pro.diegorodrigues.

2.1.4 Consciência de rimas

FIGURA 5. Consciência de rimas

4 – CONSCIÊNCIA DE RIMAS

DISTRIBUA ENTRE AS CRIANÇAS. CARTÕES COM IMAGENS DE PALAVRAS QUE RIMAM.






EXPLIQUE PARA ELAS QUE IRÃO “CANTAR” AS PALAVRAS PARA VER SE ELAS COMBINAM NO FINAL, OU SEJA, SE RIMAM. FALE (CANTANDO) DUAS PALAVRAS QUE RIMAM PARA QUE AS CRIANÇAS PERCEBAM OS SONS FINAIS IQUAIS E ENTENDAM A PROPOSTA.

EM SEGUIDA, AS ORIENTE UM POR VEZ, A FALAREM (CANTANDO) O NOME DAS FIGURAS QUE ESTÃO NOS CARTÕES E A ENCONTRAREM O COLEGA QUE ESTÁ COM O CARTÃO QUE RIMA COM O SEU.

Fonte: @pro.diegorodrigues.

Exemplifica Puliezi e Agustini (2024):

Na consciência de rimas, a atenção dos estudantes deve ser para a semelhança sonora no final das palavras. As rimas imprimem um ritmo de leitura que possibilita aos estudantes desenvolverem a percepção auditiva de palavras que terminam com o mesmo som. (Puliezi ; Agustini, 2024, p.33).

A consciência de rima é considerada uma das primeiras manifestações da consciência fonológica, pois permite que a criança perceba a semelhança sonora entre palavras como “pato” e “gato”. Essa habilidade vai além de um simples jogo de sons: trata-se de um recurso que ajuda a criança a identificar regularidades fonológicas, o que facilita a aprendizagem da leitura e escrita. Ao reconhecer rimas em cantigas, parlendas ou poesias, o estudante desenvolve a capacidade de comparar sons, generalizar padrões e compreender que a linguagem pode ser analisada e manipulada. Por isso, a consciência de rima é uma porta de entrada para habilidades fonêmicas mais refinadas, tornando-se indispensável no processo de alfabetização com base em evidências.

2.1.5 Consciência fonêmica

FIGURA 6. Consciência fonêmica



Fonte: @pro.diegorodrigues.

Quando afirma Puliezi e Agustini (2024):

A consciência fonêmica (ou consciência de fonemas) é o nível mais avançado e desafiador de consciência fonológica a ser desenvolvido, pois exige que a criança se concentre nos fonemas. Considerando que produzimos nossa fala em um fluxo contínuo e sem pausa, podemos entender a dificuldade que as crianças podem enfrentar para perceber, segmentar e sintetizar esses sons. É por isso que essa habilidade não se desenvolve sem instrução explícita. Evidências indicam que crianças com baixo desempenho em consciência fonêmica tem a probabilidade de apresentar dificuldades para compreender o princípio alfabético, ou seja, entender que letras representam fonemas. (Puliezi; Agustini, 2024, p.36)

É perceptível que nessa fase é essencial que a criança tenha desenvolvido todas as outras habilidades, pois, com uma base bem feita, ensinada da forma correta, facilitará bastante até chegar nessa fase, que é de fundamental relevância para que tenha um desenvolvimento positivo, ensinando de forma explícita para que não venha a ter defasagem ou dificuldades em consolidar a consciência fonêmica, faz com que compreenda e desenvolva a fluência leitora mais facilmente.

- Ela aprende a segmentar, juntar e manipular sons dentro das palavras (por exemplo, trocar o “r” de “rato” por “g” para formar “gato”).
- Atividades comuns: brincadeiras de troca de sons, ditados orais com manipulação de fonemas.

2.2 Como Introduzir a Consciência Fonêmica com as Onomatopeias

De acordo com o dicionário online português Onomatopeias é:

Substantivo feminino [Linguística] Composição de uma palavra que se baseia numa reprodução similar de um som que passa a ser relacionado a ela; onomatopoeia. [Gramática] A palavra (vocábulo) que se forma a partir da reprodução similar de um som; são exemplos de onomatopeia: bang (tiro);

tic-tac (barulho do relógio); au (latido). Etimologia (origem da palavra *onomatopeia*). Do latim *onomatopoeia*.ae.

Levando em consideração o dicionário e seu significado da palavra “Onomatopeias”, é perceptível que ele tem o sentido da emissão de algum som, barulho que ouvimos e que pode ser relacionado à composição de uma palavra. Dessa forma, a Dra. Sandra Puliezi fez essa relação com o som de cada letra do alfabeto a algum barulho semelhante, para que fosse assimilado mais facilmente na hora do ensino.

Para que se tenha um ensino explícito e sistemático, é necessário que o ensino e aprendizagem aconteçam de forma gradual e seguindo algumas regras que facilitem desde a organização da sala até o desenvolvimento das atividades. Mantenha um alfabeto ilustrado pregado na parede da sala de aula e afixe as onomatopeias embaixo das letras e fale o nome e os sons de cada uma todos os dias, desde o primeiro dia de aula, e em seguida apresente uma letra por semana, explorando de várias formas.

Assim afirma Puliezi (ano) em seu manual, Método das onomatopeias desenvolvendo a consciência fonêmica de forma lúdica:

As vogais são os fonemas sonoros produzidos por uma corrente de ar que passa livremente pela boca ou pelo nariz. Por serem tão facilmente perceptível na fala, os fonemas das vogais são, geralmente, aprendidos mais rapidamente pelas crianças. Diante desse motivo, as vogais são as primeiras letras apresentadas nesse método de alfabetização.

Como foi possível observar nas palavras de Sandra Puliezi, as vogais têm mais facilidade de serem ensinadas, pois o mesmo nome é o mesmo som que reproduzimos quando falamos e é mais perceptível na fala. Dessa forma, começaremos pelas vogais e depois apresentaremos as consoantes em uma sequência diferente da tradicional que se é acostumado ou como foi nos ensinados; essa sequência serve para facilitar o aprendizado.

As vogais e as consoantes que conseguimos prolongar na fala de forma contínua têm a facilidade de aprender mais rapidamente, em que se consegue prologar na corrente da fala, que são as seguintes (V, F, J, L, M, N, R, S, V, X, Z, as consoantes que conseguimos prolongar na fala de forma contínua) podem ser apresentadas e exploradas logo após ter ensinado as vogais, e somente depois ensinar os grafemas mais complexos. Em seguida, inicia-se o ensino das consoantes que não têm o som prolongado na corrente da fala, que são elas: B, C, D, G, H, P, Q, T, K, W, Y (consoantes que não têm o som prolongado). No alfabeto tem também as letras que são chamadas letras turistas, pois na língua portuguesa não aparecem de forma frequente nas palavras.

Explicar para as crianças que você mostrará a elas as letras do alfabeto e contará qual é o som que cada uma faz. Na entrevista com a criadora do método das onomatopeias, a Dra. Puliezi enfatiza:

O método pode ser aplicado de diversas formas lúdicas, como:

Bingo dos sons – onde as crianças associam o som da onomatopeia à sua representação gráfica. Pescaria dos sons – em que elas "pescam" figuras e identificam os fonemas correspondentes. Jogos de mímica e memória – que ajudam a reforçar a relação entre os sons, as imagens e as letras. Essas atividades fazem com que as crianças aprendam brincando, facilitando a memorização dos fonemas e o reconhecimento das letras.

A letra A tem dois fonemas. Vamos ensinar os dois. Peça para as crianças imaginarem uma pessoa espirrando. Elas farão: “AAAAAAA tchim!”. Todos na sala fingirão espirrar e produzirão o fonema /a/. É importante dizer para as crianças que a letra A vai ter também o fonema /ã/ quando ela vier acentuada (ã) ou quando ela aparecer antes da letra m ou n, por exemplo: samba, cama, canta; em que a letra a tem o fonema /ã/. Para representar esse fonema, sugerimos a onomatopeia de uma menina fazendo cara de quem não entendeu: ãã??

A letra E tem dois fonemas. Vamos ensinar os dois. Peça para as crianças imaginarem uma pessoa torcendo. Elas farão: “EEEEEEEEE”. Todos na sala fingirão torcer, levantando os braços e produzirão o fonema /e/. É importante dizer para as crianças que a letra E pode ser pronunciada com mais intensidade, por exemplo: até pé, zero. Nesse caso, sugerimos a onomatopeia de uma menina fazendo “eeeca”, olhando para a mão suja.

Peça para as crianças imaginarem uma situação em que alguma coisa dá errado, e aí dizemos: “iiii, não deu certo” ou “iiii, esqueci”. Peça para as crianças imaginarem outras situações em que eles fariam “iiii”.

A letra O tem dois fonemas. Vamos ensinar os dois. Diga para as crianças que a letra O é a letra do Oi; você pode prolongar o fonema /o/ dizendo que algumas pessoas falam assim. Peça para eles se cumprimentarem, falarem “oi” uns para os outros. É importante dizer para as crianças que a letra O pode ser pronunciada com mais intensidade, por exemplo, /ó/, como em bola, pó. Nesse caso, a onomatopeia é de uma pessoa que se impressiona com alguma coisa e diz: “óóóóhhhh”.

Diga para as crianças que o fonema da letra U é o som do fantasma. Peça que imitem o fantasma. “UUUUUUU”.

3.METODOLOGIA

Em termos metodológicos, o presente trabalho consistiu em um estudo de caso, realizado em uma escola da rede pública municipal localizada em Tejuçuoca, Ceará. Essa opção permitiu examinar de maneira detalhada e contextualizada a realidade de um ambiente escolar específico, sem a intenção de generalizar os resultados, mas com o objetivo de compreender como diferentes estratégias pedagógicas se materializam no ensino da leitura e da escrita. O estudo possibilitou observar contrastes entre turmas que adotam instruções fônicas de forma explícita e sistemática e outras que utilizam abordagens mais tradicionais de alfabetização.

O grupo participante da formação foi com os professores que fazem o ciclo de alfabetização, especificamente aos professores que atuam em turmas do 1º ano do

Ensino Fundamental, todos diretamente envolvidos nas práticas de alfabetização da escola. A seleção foi intencional, buscando docentes com experiência efetiva na área e que pudessem contribuir com reflexões sobre suas práticas e resultados.

A coleta das informações ocorreu por meio de diferentes procedimentos, de modo a garantir uma visão ampla e consistente do fenômeno investigado. Foram utilizadas entrevistas semiestruturadas, que possibilitaram aos professores relatar suas experiências e concepções acerca da alfabetização e do uso das onomatopeias; a análise documental do Projeto Político-Pedagógico (PPP) e de registros avaliativos das turmas, os quais evidenciam a evolução dos estudantes ao longo do ano letivo; e, por fim, relatos de experiência, como o depoimento de uma professora que descreveu as transformações percebidas em sua turma após a aplicação sistemática da instrução fônica e das onomatopeias.

A pesquisa foi estruturada em três etapas principais, articulando momentos de investigação diagnóstica, formação docente e análise de dados pedagógicos.

Na primeira etapa, realizou-se uma investigação inicial com todos os professores alfabetizadores da escola, com o objetivo de identificar os conhecimentos prévios que possuíam acerca da consciência fonológica e do método das onomatopeias. Esse levantamento permitiu compreender como os docentes concebiam tais conceitos e de que forma os aplicavam (ou não) em suas práticas diárias de sala de aula.

Em seguida, na segunda etapa, foi promovida uma formação continuada voltada aos professores das turmas de 1º ano do Ensino Fundamental, considerando que este é o momento crucial para o desenvolvimento das habilidades relacionadas à consciência fonológica, fluência leitora e escrita inicial. Essa formação teve como foco apresentar fundamentos teóricos e práticos da instrução fônica e das onomatopeias, orientando os professores quanto à importância de um ensino sistemático e explícito dos sons da fala para o avanço da alfabetização.

A terceira etapa consistiu na análise dos dados das turmas, envolvendo o acompanhamento de quatro turmas do 1º ano. O objetivo foi comparar os resultados obtidos entre as salas que aplicaram a instrução fônica e o método das onomatopeias e aquelas que não utilizaram tais metodologias. Essa comparação possibilitou observar diferenças significativas no desempenho dos alunos, tanto no reconhecimento fonêmico quanto na fluência e na produção escrita, permitindo avaliar o impacto das práticas baseadas em evidências no processo de alfabetização. Esses diferentes instrumentos permitiram cruzar dados e interpretar evidências, ampliando a compreensão sobre as práticas pedagógicas. A análise documental revelou como o trabalho com a consciência fonológica está previsto no planejamento institucional, enquanto os relatos e entrevistas ofereceram descrições vivas das práticas e percepções docentes sobre os avanços e desafios enfrentados.

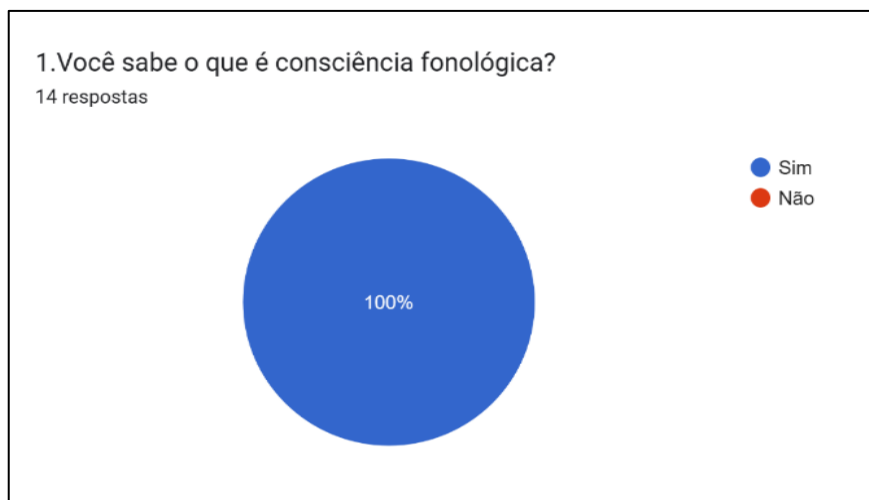
Vale ressaltar que, de acordo aspectos éticos previstos pela Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, as informações e confidencialidade foram usadas de cunho acadêmico, preservando de forma ética cada participante.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 Pesquisa Quantitativa com Professores da Escola CMEI Maria Miranda Gomes

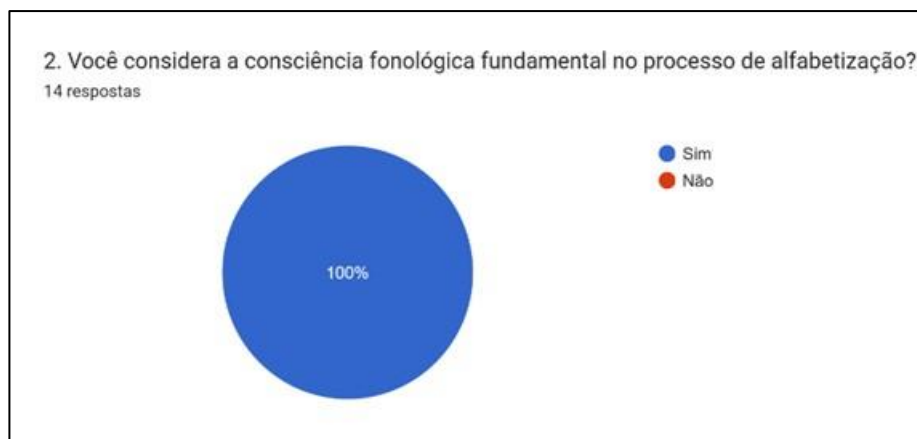
Diante da pesquisa realizada na instituição de ensino Maria Miranda Gomes, um questionário quantitativo sobre a alfabetização baseada em evidências: consciência fonológica e o método das onomatopeias, em que é possível observar:

GRÁFICO 1. Conhece o que é consciência fonológica



Fonte: Elaborado pela autora.

GRÁFICO 2. Considera consciência fonológica fundamental no processo de alfabetização



Fonte: Elaborado pela autora.

O resultado dos gráficos referente à questão sobre o conhecimento da consciência fonológica e a importância para a alfabetização revela um dado bastante positivo: das 14 pessoas participantes da pesquisa, 100% afirmaram saber e

compreender o que é consciência fonológica. Esse resultado demonstra que o corpo docente possui uma base conceitual sólida sobre o tema, o que representa um avanço significativo para a instituição, considerando que o desenvolvimento da consciência fonológica é um dos pilares fundamentais do processo de alfabetização.

A partir dessa constatação, percebe-se que há um terreno favorável para o aprofundamento das práticas pedagógicas, pois o conhecimento teórico sobre o assunto facilita a implementação de metodologias mais eficazes e intencionais, como o Método das Onomatopeias, que trabalha diretamente com a percepção e produção dos sons da fala. Além disso, o fato de todos os professores reconhecerem a importância da consciência fonológica indica um engajamento coletivo com as práticas de alfabetização baseadas em evidências, fortalecendo o compromisso da instituição com uma aprendizagem mais significativa e científica.

GRÁFICO 3. Aplicação de atividades específicas para desenvolver a consciência fonológica na sala de aula



Fonte: Elaborado pela autora.

Os dados apresentados no gráfico referente à pergunta sobre a aplicação de atividades voltadas ao desenvolvimento da consciência fonológica em sala de aula revelam que 78,6% dos participantes afirmaram realizar tais práticas, enquanto 21,4% responderam que não. Essa informação permite uma análise significativa no contexto da pesquisa, pois evidencia que a maioria dos docentes não apenas possui conhecimento teórico sobre o tema, mas também busca aplicar estratégias práticas que estimulem a percepção e manipulação dos sons da fala em suas turmas. Contudo, o percentual de 21,4% que relatou não desenvolver atividades dessa natureza aponta para a necessidade de formações continuadas e acompanhamento pedagógico que fortaleçam a prática docente. Essa lacuna pode estar relacionada à insegurança quanto à aplicação dos métodos, à falta de materiais adequados ou até mesmo à dificuldade em sistematizar atividades fonológicas de forma intencional e contínua.

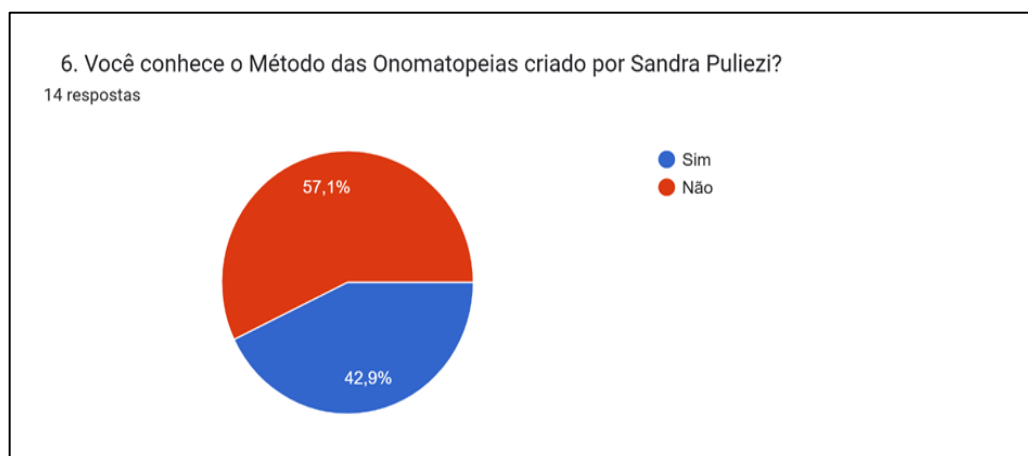
GRÁFICO 4. Sente preparado para trabalhar atividades de consciência fonológica



Fonte: Elaborado pela autora.

Os resultados obtidos nessa questão revelam um dado de grande relevância para a análise do processo formativo docente. Quando questionados se se sentem preparados para trabalhar atividades voltadas ao desenvolvimento da consciência fonológica com seus alunos, 64,3% dos participantes afirmaram não se sentir totalmente preparados e manifestaram o desejo de receber formação específica, enquanto 35,7% declararam sentir-se aptos para realizar esse trabalho em sala de aula. Portanto, os dados indicam que há um campo promissor para ações formativas voltadas à prática fonológica, o que permitirá que os professores avancem de um conhecimento teórico para uma atuação mais segura, consciente e eficaz no processo de alfabetização — condição indispensável para o sucesso de metodologias inovadoras, como o Método das Onomatopeias, que requer precisão na articulação dos sons e compreensão aprofundada da estrutura fonêmica da língua.

GRÁFICO 5. Conhecimento do Método das Onomatopeias criado por Sandra Puliezi



Fonte: Elaborado pela autora.

Os dados observados à questão sobre o conhecimento do Método das Onomatopeias, criado por Sandra Puliezi, demonstram que 57,1% dos participantes afirmaram não conhecer o método, enquanto 42,9% responderam que sim. Essa

diferença revela um cenário importante para análise no contexto da dissertação, pois indica que, embora parte dos docentes já possua familiaridade com a proposta, a maioria ainda desconhece essa metodologia específica, o que aponta para um campo fértil de formação e disseminação de práticas inovadoras no processo de alfabetização.

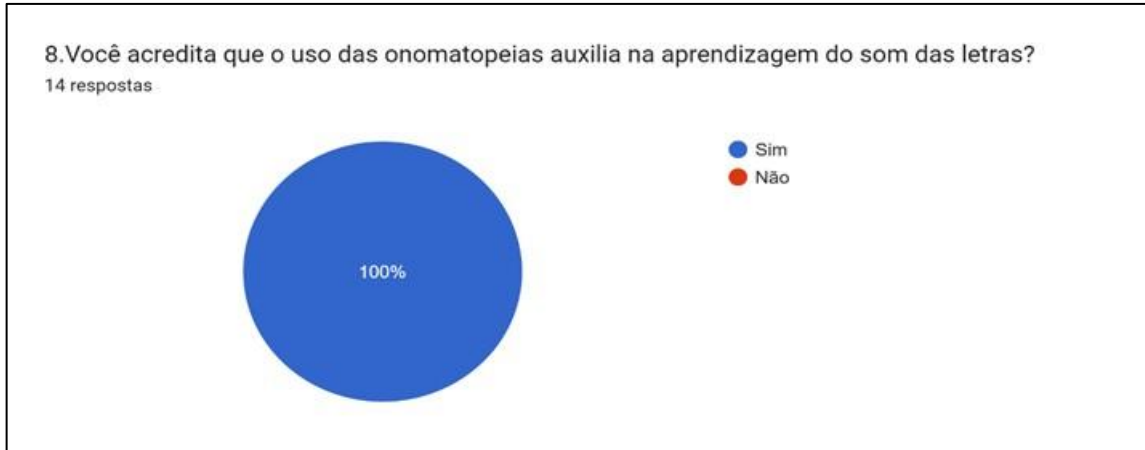
A predominância de professores que não conhecem o método demonstra a necessidade de ampliar o acesso às formações sobre alfabetização baseada em evidências, especialmente aquelas que envolvem o trabalho fonêmico e a consciência sonora da língua. O Método das Onomatopeias, ao propor uma aprendizagem mais explícita e lúdica dos fonemas, favorece a articulação entre teoria e prática, auxiliando o docente a compreender como o desenvolvimento da consciência fonêmica impacta diretamente na aquisição da leitura e da escrita. Dessa forma, os dados revelam um potencial de crescimento pedagógico na instituição, uma vez que o interesse e o engajamento demonstrados pelos professores em outras etapas da pesquisa sugerem abertura para novos aprendizados. A introdução e o aprofundamento do Método das Onomatopeias podem, portanto, contribuir para fortalecer as práticas docentes, aprimorar os resultados em alfabetização e consolidar uma cultura escolar fundamentada em evidências científicas, promovendo avanços significativos no ensino e na aprendizagem da leitura e da escrita.

GRÁFICO 6. Utilização do Método das Onomatopeias na prática pedagógica



Fonte: Elaborado pela autora.

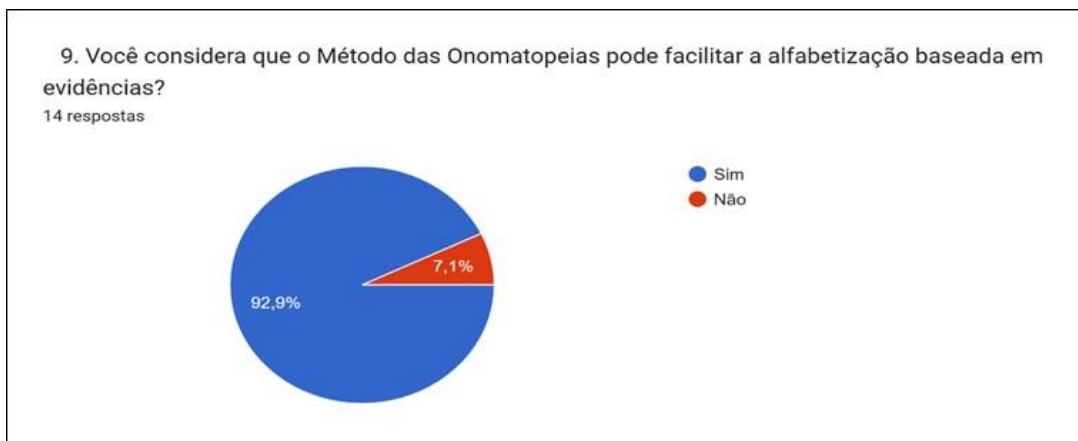
GRÁFICO 7. A utilização das onomatopeias como auxílio na aprendizagem dos sons das letras



Fonte: Elaborado pela autora.

Esse dado demonstra uma aceitação unânime da eficácia dessa abordagem e reforça a percepção, entre os docentes, de que o trabalho com sons e representações sonoras é um recurso pedagógico valioso no processo de alfabetização. A concordância total evidencia que os professores reconhecem nas onomatopeias um instrumento facilitador para o desenvolvimento da consciência fonêmica, etapa fundamental para que o aluno compreenda a correspondência entre fonema e grafema. Além disso, o resultado sugere que, mesmo entre aqueles que ainda não conhecem profundamente o Método das Onomatopeias, há uma compreensão intuitiva e positiva sobre o potencial dessa estratégia no ensino da leitura e da escrita.

GRÁFICO 8. O método das Onomatopeias como facilitador na alfabetização baseada em evidências

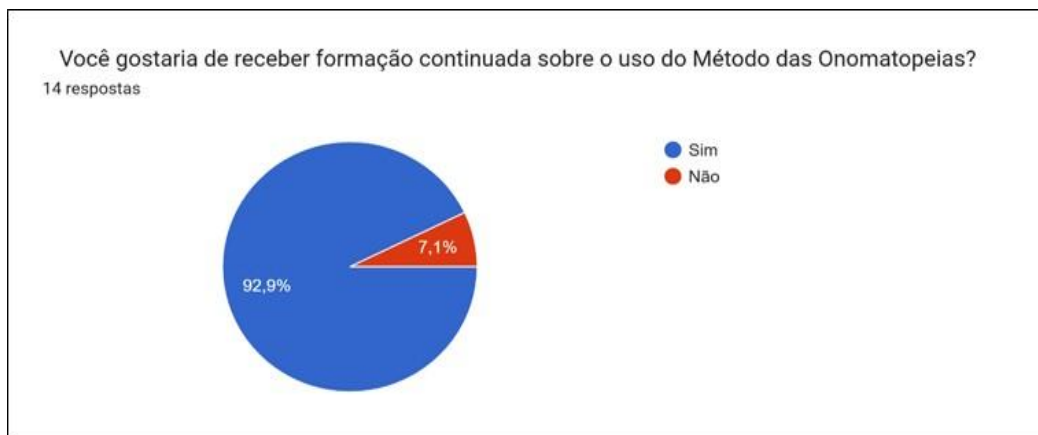


Fonte: Elaborado pela autora.

Os dados obtidos na questão sobre a percepção dos professores quanto à eficácia do Método das Onomatopeias na alfabetização baseada em evidências revelam um resultado bastante expressivo: 92,9% dos participantes acreditam que o método pode facilitar esse processo, enquanto apenas 7,1% responderam negativamente. Essa predominância de respostas positivas indica uma forte adesão

e reconhecimento do potencial pedagógico do método, evidenciando que os docentes compreendem sua relevância na consolidação de práticas de alfabetização fundamentadas em evidências científicas. O alto índice de concordância sugere que os professores percebem nas onomatopeias um recurso eficaz para o desenvolvimento da consciência fonêmica, etapa essencial para a aprendizagem da leitura e da escrita. O pequeno percentual de respostas negativas (7,1%) pode estar relacionado a fatores como desconhecimento mais profundo da metodologia ou insegurança quanto à sua aplicação prática.

GRÁFICO 9. Formação continuada sobre o uso do Método das Onomatopeias



Fonte: Elaborado pela autora.

Os dados obtidos na questão referente ao interesse dos professores em receber formação continuada sobre o uso do Método das Onomatopeias revelam um resultado altamente expressivo: 92,9% dos participantes afirmaram ter interesse em participar de formações sobre o tema, enquanto apenas 7,1% responderam negativamente. Essa predominância de respostas positivas evidencia uma atitude proativa e reflexiva por parte do corpo docente, indicando que os professores reconhecem a importância da formação permanente para o aprimoramento de suas práticas pedagógicas. Tal resultado demonstra, ainda, uma abertura ao novo e uma disposição para o aprendizado contínuo, elementos fundamentais em uma perspectiva de alfabetização baseada em evidências, que exige do educador constante atualização teórico-metodológico.

5.2 Estudo de Caso Realizado nas Turmas de 1º Ano do Ensino Fundamental da Escola CMEI Maria Miranda Gomes

O presente trabalho caracteriza-se como um estudo de caso contextual e de abordagem quantitativa, desenvolvido nas turmas de 1º ano do Ensino Fundamental da Escola CMEI Maria Miranda Gomes. Essa escolha metodológica justifica-se pela necessidade de compreender o processo de ensino e aprendizagem da leitura e escrita em seu contexto real de ocorrência, considerando as especificidades da instituição, do corpo docente e do perfil dos alunos que a compõem.

O estudo de caso possibilita uma análise aprofundada de uma realidade singular, permitindo observar, registrar e interpretar fenômenos educativos que se manifestam em um ambiente escolar específico. No caso deste estudo, o foco está voltado para as práticas pedagógicas desenvolvidas nas turmas de 1º ano, especialmente aquelas relacionadas ao desenvolvimento da consciência fonológica e ao uso do método das onomatopeias como estratégias de alfabetização.

O caráter contextual da pesquisa está relacionado à intenção de compreender o objeto de estudo a partir de sua inserção na realidade concreta da escola. Dessa forma, foram consideradas as condições materiais e humanas da instituição, a organização pedagógica, o perfil dos professores participantes e as particularidades socioculturais da comunidade escolar. Essa perspectiva permite uma análise mais autêntica e significativa, visto que as práticas e os resultados são entendidos dentro do ambiente em que efetivamente se desenvolvem.

A abordagem quantitativa, por sua vez, fundamenta-se na análise numérica dos dados coletados ao longo do processo investigativo. Foram observados e sistematizados indicadores de desempenho relacionados à aprendizagem dos alunos, como resultados de sondagens diagnósticas, percentuais de evolução nas habilidades de leitura e escrita e registros quantitativos provenientes das práticas pedagógicas. Essa dimensão permite mensurar o impacto das ações desenvolvidas e estabelecer relações entre as intervenções realizadas e o progresso observado nas turmas investigadas.

Assim, o estudo de caso contextual e quantitativo realizado nas turmas de 1º ano do CMEI Maria Miranda Gomes possibilitou compreender, de forma articulada, como o contexto escolar influencia os resultados de aprendizagem, evidenciando tanto aspectos mensuráveis do desenvolvimento dos alunos quanto fatores institucionais e pedagógicos que contribuem para o processo de alfabetização. Resultados esses obtidos por meio do Sistema de Acompanhamento das Ações do Paic – SAAP; trata-se de um sistema informatizado desenvolvido com o intuito de acompanhar as ações do Programa Alfabetização na Idade Certa – PAIC, pois possibilita a coleta de informações que são fundamentais para que o município tenha uma visão mais ampliada da sua rede escolar e possa direcionar um olhar para o aprimoramento das ações de gestão e das práticas educativas, permitindo também à Seduc essa visão.

As turmas analisadas em três períodos tiveram os seguintes resultados:

Quadro 1 – Alunos no 1º Período

TURMAS	QUANT ALUNOS	ALUNOS NEURO DIVERGENTES	SITUAÇÃO DE LEITURA						SITUAÇÃO DE ESCRITA				
			LEITURA DE TEXTO SEM FLUÊNCIA	LEITURA DE PALAVRAS	LEITOR DE TEXTO COM FLUENCIA	LEITOR DE FRASE	LEITOR DE SILABAS	NÃO LEITOR	PRÉ SILABICO	SILÁBICO	SILÁBICO ALFABETICO	ALFABÉTICO	ORTOGRAFICO
1º ANO "A"	31	07	01	03	01	05	17	04	04	17	08	02	00
1º ANO "B"	29	06	01	11	02	04	10	03	03	10	15	03	00
1º ANO "C"	31	09	00	03	00	02	05	21	22	03	06	00	00
1º ANO "D"	30	07	04	05	00	00	11	08	09	12	09	00	00

Fonte: Elaborado pela autora.

Pode-se observar nessa primeira análise o diagnóstico de como os alunos se encontram no primeiro período de ensino, que vai do dia 03 de fevereiro a 17 de abril.

1º ano "A":

A turma do 1º ano "A" conta com 31 alunos, dos quais 7 são neurodivergentes. Na leitura, observou-se predominância de estudantes leitores de sílabas (17), seguidos por 5 leitores de frases e 4 não leitores. Apenas 1 aluno demonstrou leitura de texto com fluência.

Na escrita, o maior número encontra-se no nível silábico (17), seguido de 8 silábico-alfabéticos, 4 pré-silábicos e 2 alfabéticos.

Esses dados indicam um grupo em processo de consolidação das hipóteses de escrita, ainda distante da fluência leitora, mas com avanços perceptíveis na transição entre os níveis silábico e alfabético.

1º Ano “B”

Com 29 alunos e 6 neurodivergentes, a turma “B” apresentou o melhor desempenho geral. Na leitura, há 11 leitores de palavras, 10 leitores de frases e apenas 02 não leitores, indicando domínio progressivo do princípio alfabético. Na escrita, predominam os níveis silábico-alfabético (15) e silábico (10), com 3 alfabéticos. O grupo demonstra evolução significativa, apresentando melhor equilíbrio entre leitura e escrita.

1º Ano “C” (Grupo de Controle)

A turma C, grupo de controle, conta com 31 alunos, sendo 09 neuro divergentes. É a turma que apresenta a maior defasagem. Na leitura, há 21 não leitores, 05 leitores de sílabas, 03 de palavras e apenas 02 de frases, sem ocorrência de leitura fluente. Na escrita, 22 alunos permanecem no nível pré-silábico, 3 no silábico e 6 no silábico-alfabético, sem nenhum alfabético ou ortográfico. Esses resultados evidenciam um grupo com graves dificuldades de consciência fonológica e ausência de compreensão da relação grafema-fonema, indicando necessidade urgente de intervenção pedagógica estruturada.

1º Ano “D”

Com 30 alunos, com 07 alunos neurodivergentes, a turma “D” apresenta desempenho mediano, com 11 leitores de sílabas, 05 de palavras, 05 de frases e 08 não leitores. Na escrita, há 9 alunos pré-silábicos, 12 silábicos e 9 silábico-alfabéticos, sem registros de escrita alfabética. Observa-se uma turma em fase de transição entre os estágios iniciais da alfabetização, com parte dos alunos já avançando na hipótese silábico-alfabética.

De acordo com Puliezi (2022), a alfabetização eficaz deve estar alicerçada em evidências científicas, considerando o desenvolvimento da consciência fonêmica, fluência de leitura e vocabulário, elementos fundamentais para a consolidação do princípio alfabético. O método das Onomatopeias, proposto pela autora, favorece esse processo ao associar sons, gestos e símbolos, estimulando o cérebro fonológico da criança e promovendo ativação auditiva e motora durante a aprendizagem. A presença significativa de alunos neurodivergentes nas turmas A, C e D também reforça a importância de adaptações pedagógicas e de práticas inclusivas, capazes de atender às diferentes necessidades cognitivas e linguísticas, conforme orientam Puliezi e Sergiane em suas propostas de alfabetização baseada em princípios científicos e humanizados.

Diante dessa situação crítica em que se encontrava a turma “C”, foi feita, junto com a professora, uma intervenção em que fosse possível avançar mais rapidamente o nível desejado.

Do ponto de vista de Brites (2023):

Podemos dizer que, ao desvendar os mecanismos que fazem parte da aprendizagem, a ciência cognitiva da leitura conseguiu distinguir crenças preestabelecidas de fatos com comprovação científica, ou seja, o que realmente funciona de fatos com comprovação científica, ou seja, o que realmente funciona do que não funciona. E uma de suas principais conclusões foi que o ensino explícito e sistemático da leitura e da escrita com o apoio da abordagem fônica é um dos caminhos mais eficazes à alfabetização (Brites, 2023, p.87)

É possível observar que usar o ensino de forma explícita e sistemática é um dos caminhos mais eficazes, para desenvolver uma aprendizagem de forma positiva, usando e usando a abordagem fônica para desenvolver atividades que façam sentido ao nível em que o aluno se encontra.

Dessa forma, a professora de língua portuguesa da turma “C” acreditou e colocou em prática em sua sala de aula a alfabetização baseada em evidência, usando o que realmente facilita a aprendizagem dos alunos, trabalhando a consciência fonológica como ponto de partida, criando a base de conhecimentos dos alunos juntamente com o método das onomatopeias para desenvolver a fonêmica.

A fala da professora expressa a percepção concreta dos efeitos positivos do método fônico aliado ao uso das onomatopeias no processo de alfabetização. Conforme relata:

A minha experiência com o método fônico para este ano foi a minha melhor escolha foi assim a virada de chave para minha turma porque é um método comprovado cientificamente é um método que ele venha se nos dando todas as estratégias passo-a-passo de como iniciar alfabetização com as nossas crianças _ é um método que ajuda as crianças né a que a escrita representa os sons da fala e com isso quando eles conseguem fazer essa correspondência entre grafemas e fonemas isso ajuda eles a desenvolver a leitura a decodificar palavras e ao conseguir decodificar essas palavras eles vão conseguindo abrir assim, a mente para uma compreensão maior claro que no início eles vão apenas decodificando mas com a prática a gente vai vendo a evolução da compreensão que eles vão tendo daquilo que estão lendo e é algo assim muito lindo de se ver é um método assim que eu indicaria para todos aqueles que que querem ter bons resultados.(Entrevista é concedida em 01-11-2025)

Essa declaração evidencia que o método fônico, especialmente quando articulado ao uso das onomatopeias, proporcionou uma mudança significativa na prática docente e no desenvolvimento das crianças, sendo reconhecido como um instrumento transformador no processo de alfabetização. A professora compreende que o trabalho com sons e suas representações gráficas potencializa a consciência fonológica, considerada o alicerce do processo de leitura e escrita.

De acordo com Puliezi (2020), a alfabetização baseada em evidências requer que o ensino da leitura seja sistemático e explícito, com ênfase no ensino das relações entre fonemas e grafemas. Essa abordagem favorece a construção sólida das habilidades de decodificação, fluência e compreensão leitora. Sergiane (2023) reforça essa visão ao destacar que a consciência fonológica é uma habilidade essencial para

que o aluno compreenda o funcionamento do sistema alfabético, permitindo-lhe avançar de forma autônoma e segura.

Dessa forma, o depoimento confirma empiricamente os pressupostos teóricos apresentados por Puliezi e Sergiane, evidenciando que o método fônico, apoiado em estratégias como o uso das onomatopeias, contribui efetivamente para o avanço da alfabetização, promovendo maior engajamento, autoconfiança e desempenho linguístico nas crianças. A fala docente reflete, portanto, uma prática pedagógica alinhada à ciência da leitura e aos fundamentos da alfabetização baseada em evidências.

Quadro 2 – Alunos no 2º Período

TURMAS	QUANT ALUNOS	ALUNOS NEURO DIVERGENTES	SITUAÇÃO DE LEITURA						SITUAÇÃO DE ESCRITA				
			LEITURA DE TEXTO SEM FLUÊNCIA	LEITURA DE PALAVRAS	LEITOR DE TEXTO COM FLUENCIA	LEITOR DE FRASE	LEITOR DE SILABAS	NÃO LEITOR	PRÉ SILABICO	SILÁBICO	SILÁBICO ALFABETICO	ALFABÉTICO	ORTOGRAFICO
1º ANO "A"	31	07	06	04	02	02	14	03	03	14	06	08	00
1º ANO "B"	30	06	12	06	03	01	05	02	02	05	07	15	00
1º ANO "C"	31	09	06	04	00	02	05	12	06	10	08	06	00
1º ANO "D"	30	07	07	02	00	02	13	06	05	16	07	00	00

Fonte: Elaborado pela autora

A análise comparativa demonstra que a turma C, apesar de ter iniciado o ano letivo com o menor nível de proficiência, apresentou avanços significativos entre o primeiro e o segundo período.

Enquanto as turmas A, B e D já se encontravam em processo de consolidação do sistema alfabético, o grupo C partiu quase do zero e conseguiu avançar para níveis de leitura e escrita mais estruturados.

Esse crescimento indica que as intervenções pedagógicas aplicadas no período foram eficazes, especialmente considerando o contexto de maior defasagem e a presença de 9 alunos neurodivergentes.

Segundo Puliezi (2022), a Alfabetização Baseada em Evidências promove resultados progressivos quando o ensino é sistemático, explícito e focado na consciência fonológica, correspondência grafema-fonema e fluência. Assim, mesmo turmas que partem de níveis muito baixos podem apresentar evolução perceptível quando submetidas a práticas estruturadas.

Quadro 3 – Alunos no 3º Período

TURMAS	QUANT ALUNOS	ALUNOS NEURO DIVERGENTES	SITUAÇÃO DE LEITURA						SITUAÇÃO DE ESCRITA				
			LEITURA DE TEXTO SEM FLUÊNCIA	LEITURA DE PALAVRAS	LEITOR DE TEXTO COM FLUENCIA	LEITOR DE FRASE	LEITOR DE SILABAS	NÃO LEITOR	PRÉ SILABICO	SILÁBICO	SILÁBICO ALFABETICO	ALFABÉTICO	ORTOGRAFICO
1º ANO "A"	31	07	06	01	08	05	07	04	04	08	05	15	00
1º ANO "B"	30	06	07	03	09	04	05	03	03	05	07	16	00
1º ANO "C"	29	09	04	04	05	02	08	06	04	09	09	07	00
1º ANO "D"	30	07	03	07	07	02	07	04	02	16	07	04	00

Fonte: Elaborado pela autora

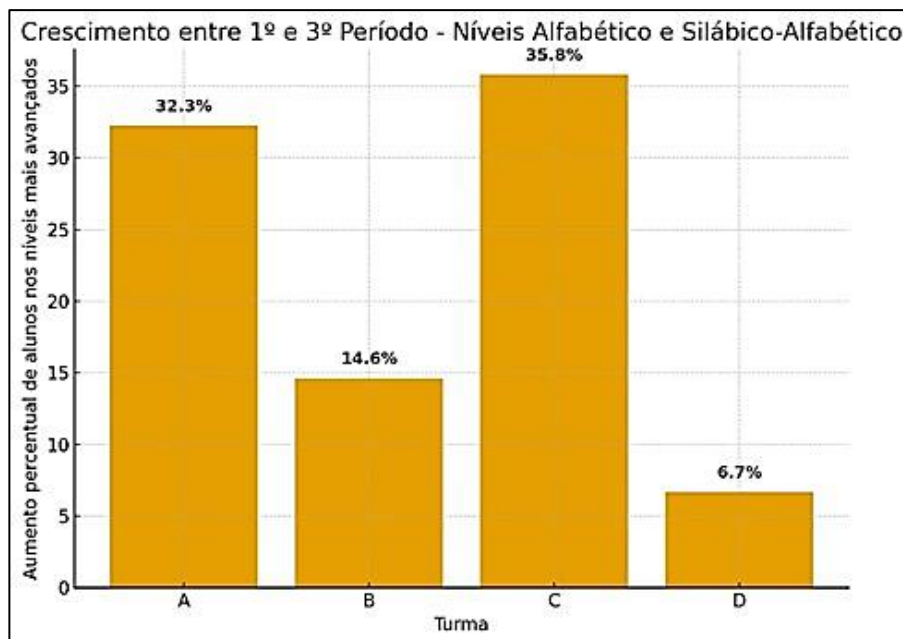
As análises dos resultados por período demonstraram que a turma C, que iniciou o ano com a maior defasagem (predominantemente pré-silábica e com elevado número de não leitores), apresentou evolução consistente após a aplicação das intervenções de consciência fonológica e prática sistemática de leitura. Observou-se redução significativa de discentes não leitores, concomitante com o aumento dos alunos classificados como silábico-alfabéticos e alfabéticos. Comparativamente, embora as turmas A, B e D também tenham avançado, o ganho proporcional da turma C foi o mais expressivo, indicando que a intervenção foi eficaz ao acelerar a apropriação do código alfabético em um grupo com baixo desempenho inicial. Esses achados corroboram a literatura que relaciona intervenções sistemáticas de consciência fonológica com avanços rápidos na aquisição das habilidades iniciais de leitura (Puliezi, 2022). Esse crescimento é proporcionalmente maior que o ganho observado nas turmas que já estavam mais avançadas (porque essas últimas já partiam de melhores níveis).

De acordo com o relato da entrevista concedida pela professora:

Foi bem impactante assim pra mim ver a admiração deles de início quando eu iniciei apresentando os sons das letras porque era algo novo, então eles começaram de início a aprender os sons das letras como uma forma de brincadeira porque pra eles aqueles sons era como se fosse tipo uma cantiga que você ensina que chamava atenção e eles ficavam reproduzindo e era bem interessante porque tem um cartaz ainda né na minha sala com os sons das letras e eu sempre ouvi a relatos das outras professoras que volta e meia estavam lá ao redor desse cartaz reproduzindo os sons e isso facilitou que eles viessem a desenvolver um raciocínio lógico, a respeito dessa associação dos sons as letras, então ao aprender brincando isso fez com que eles desenvolvessem com mais segurança rapidez e eficiência a questão da leitura porque não era de uma forma mecânica nem obrigatória era algo prazeroso pra eles então isso facilitou esse processo de alfabetização. E é interessante perceber que na escrita a partir do momento que eles conseguiam desenvolver essa consciência fonológica que eles iam desenvolvendo a questão da consciência de sílabas de palavras a gente pode perceber também a diminuição dos erros na escrita, como eles aprenderam sons das letras quando eles iam escrever eles ficavam prestando atenção qual era o som que eles conseguiram encontrar em uma determinada palavra pra estar reproduzindo a escrita dela, então tudo isso era bem interessante de ver na prática acontecendo, com o método fônico a gente pode ver o quanto que o veio pra ajudar a desenvolver essa capacidade de leitura escrita das crianças.

É perceptível no relato da docente que o uso dessa prática pedagógica facilitou bastante o avanço da sua turma, que se encontrava no nível mais crítico. Vendo a situação em que se encontrava, a professora não teve medo de inovar em sua prática.

GRÁFICO 10. Crescimento entre 1º e 3º período – Níveis Alfabéticos e Silábico- Alfabético



Fonte: Elaborado pela autora

Análise dos resultados:

A Turma C teve o maior crescimento proporcional, destacando-se por sair de um ponto de partida muito baixo e alcançar um avanço expressivo. As turmas A, B e D já apresentavam níveis mais altos de desempenho no início, por isso o crescimento delas foi menor em proporção. O resultado evidencia que o trabalho de reforço e acompanhamento pedagógico com a Turma C teve impacto significativo, reduzindo desigualdades no desenvolvimento da leitura e escrita.

Os resultados alcançados confirmam que ações estruturadas com foco na consciência fonológica, em métodos que facilitam a aprendizagem e no acompanhamento individualizado constituem estratégias eficazes para elevar o desempenho escolar e assegurar que todos os estudantes, independentemente de seu ponto de partida, tenham condições reais de aprender e progredir. Ao perceber os avanços alcançados pela turma que estava com maior defasagem, é possível confirmar que a alfabetização baseada em evidência é o ponto de partida para uma alfabetização eficaz; usar a abordagem coerente ao nível em que a turma se encontra facilita o processo de aprendizagem, facilitando tanto para quem ensina como para quem vai aprender.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar esta pesquisa, foi possível analisar e refletir sobre os caminhos que a educação percorreu e vem percorrendo ao longo do tempo, percebendo que, aos poucos, tem-se construído um novo olhar sobre o ensino e sobre a prática docente. As reflexões apresentadas buscam contribuir para o aprimoramento das ações pedagógicas em sala de aula, com a intenção de demonstrar e comprovar conhecimentos que possam facilitar o processo de ensino e aprendizagem. O objetivo maior foi evidenciar que, assim como a medicina, a educação também deve ser compreendida como uma ciência, fundamentada em estudos, pesquisas e comprovações científicas que orientem o fazer pedagógico e levem os educadores a compreender a importância da alfabetização baseada em evidências.

Reconhecer a relevância da consciência fonológica como base para o processo de alfabetização é essencial. Essa base deve ser construída desde a Educação Infantil e fortalecida nos anos iniciais, favorecendo o desenvolvimento da fluência leitora e da escrita. É necessário repensar as formações continuadas, garantindo que, desde a pré-escola, os professores compreendam a importância de consolidar habilidades como a consciência de palavras, sílabas, rimas, aliterações e fonemas, que são determinantes para o avanço da leitura e da escrita de forma mais eficaz e significativa.

Durante as formações realizadas com os professores, observou-se que muitos ainda desconheciam a intencionalidade do método, os fundamentos da alfabetização baseada em evidências, a importância da consciência fonológica e o uso das onomatopeias como facilitadoras da aprendizagem. Em alguns casos, tais práticas eram vistas como uma “modinha” ou algo passageiro, o que reforça a necessidade de formações continuadas que apresentem, de forma clara e prática, o que realmente funciona no cotidiano da sala de aula. A partir das discussões e experimentações práticas, os professores reconheceram o valor de levar novos conhecimentos que já possuem comprovação científica e que demonstram resultados concretos na prática pedagógica.

Os resultados obtidos nesta pesquisa evidenciam que, se todas as turmas tivessem utilizado as mesmas práticas fundamentadas, os avanços poderiam ter ocorrido de forma ainda mais ampla e proporcional, considerando-se os diagnósticos iniciais de cada grupo. Assim, espera-se que este estudo possa servir de contribuição para a inovação na educação, inspirando outros educadores a conhecerem e aplicarem metodologias que estão transformando o ensino, reconhecendo e valorizando a educação como uma ciência em constante construção.

É imprescindível que os profissionais da educação se permitam renovar-se, buscando continuamente novos conhecimentos que fortaleçam sua prática pedagógica. Não se trata de afirmar que existam métodos certos ou errados, mas de reconhecer que práticas embasadas cientificamente favorecem o ensino, promovem equidade em sala de aula e tornam o processo educativo mais eficaz e significativo. Dessa forma, o trabalho docente deixa de ser um fardo e passa a ser uma oportunidade de crescimento, redescoberta e realização profissional. Quando o professor compreende os fundamentos científicos do ensino e

reconhece aquilo que já foi comprovado como eficaz, ele se torna mais seguro, confiante e capaz de conduzir seus alunos rumo a uma aprendizagem verdadeiramente significativa e ao desenvolvimento pleno. Assim, reafirma-se o compromisso de que ensinar é um ato de ciência, mas também de esperança e transformação.

6.REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 05 set. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **I Conferência Nacional de Alfabetização Baseada em Evidências (CONABE)**. Brasília: MEC/Sealf, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Alfabetização (PNA)**. Brasília: MEC/Sealf, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Relatório Nacional de Alfabetização Baseada em Evidências (RENABE)**. Brasília: MEC/Sealf, 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização (Sealf). **Documentos e publicações**. Brasília: SEALF, 2024. Disponível em: <http://alfabetizacao.mec.gov.br/>. Acesso em: 2 set. 2025.

BRITIS, Luciana. **Alfabetização: por onde começar?** um programa neurocientífico eficiente para ensinar a ler de verdade. 2. ed. Porto Alegre: Sinopsys, 2021.

DEHAENE, Stanislas. **Os neurônios da leitura: como a ciência explica a nossa capacidade de ler**. Porto Alegre: Penso, 2012.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. **Significado da palavra Onomatopeia**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/onomatopeia/>. Acesso em: 23 set. 2025.

MEDEIROS Josimeire Silveira de Melo, **História da Educação no Brasil**. Coordenação Cassandra Ribeiro Joye. 2 ed. Fortaleza: UAB/IFCE, 2012.

PULIEZI, S; MALUF, M. R. A contribuição da consciência fonológica, memória de trabalho e velocidade de nomeação na aquisição inicial da leitura. **Boletim – Academia Paulista de Psicologia**, v. 32, p. 213-227, 2012.

PULIEZI, S. A desconstrução da alfabetização. **Acta Científica**, v. 22, p. 53-58, 2013.

PULIEZI, S; MALUF, M. R. A fluência e sua importância para a compreensão da leitura. **Psico-USF**, v. 19, p. 467-475, 2014.

PULIEZI, Sandra. **Fluência de leitura oral**. São Paulo: [s.n.], 2020.

PULIEZI, Sandra. **Método das Onomatopeias**: alfabetização baseada em evidências. São Paulo: Puliezi Educacional, 2022.

SERGIANE, Renan. **Alfabetização baseada em evidências**: da ciência à sala de aula. São Paulo: Conquista, 2020.